

DEONTOLOGIA MEDICA

LIÇÃO INAUGURAL

PELO

DR. OSCAR FREIRE

Não sei como enaltecer convenientemente, meus jovens amigos do Centro Academico "Oswaldo Cruz", a bonissima intenção que tivestes em associar a commemoração do anniversario da nossa Faculdade á aula inaugural do curso de Deontologia Medica. Bem merecia a bella tentativa, que o curso representa, a sagração desse lindo gesto vosso.

Mas, quiz o destino que, como em todas as coisas humanas, houvesse um senão. Esquecestes que eu estava de permeio.

E, mercê de tal esquecimento, que a generosidade justifica, vós, srs. convidados, porque respeitastes mais ás leis da cortezia do que as instancias da commodidade, tereis de supportar, por tempo que o fastio vae tornar mais longo e cruel, a monotonia de uma lição desvaliosa, que vos não ha de aproveitar, nem ao menos recreiar, tão acanhado é o cabedal de quem a professa e tão exigente é a necessidade, quanto decidida é a tenção, de nella apenas repetir coisas de vosso velho conhecimento, — de enfeixar juizos alheios, embora assazonados de raros commentarios proprios, que nunca ambicionarão o sabor da novidade, senão o da oportunidade e da justiça. Perdoae-me.

Não andou mal, entretanto, meus amigos, o acaso com o ele-

ger-me para o momento. De tantos mestres da nossa Faculdade, que a intelligencia exalça e o saber eleva na admiração dos coetaneos, nenhum teria credenciaes para disputar-me a honraria do mandato, porque nenhum me egualaria na exactidão e na conveniencia do desempenho.

Têm os humildes tambem a sua hora e a sua utilidade.

Celebraes, num consorcio feliz, a grandeza de um passado, que por proximo não desmerece em glorias, e o assentar do primeiro marco de um formoso tentamen, qual o de concorrer para o aperfeiçoamento moral da nossa profissão. O encanto da sabedoria e da eloquencia, empolgando vossa admiração, monopolisando-a, deixaria talvez o motivo desta expressiva festa intellectual afogado no caudal de luz que delle promanasse.

Ao contrario, em mim tendes a mediocridade que ao momento se ajusta, a planura arida e mesquinha, que não empece, nem offusca, o brilho alheio, — a chan desolada e esteril, junto de cuja humildade mais resaltarão o traço dominador da montanha alterosa, mais imponente será o fastigio da serra que desata para os céus os braços gigantesocos das suas cumiadas longinquas.

Uma só parcella de luz não se perderá commigo. O que aqui brilhar é vosso, meus amigos; é vosso o que aqui fulgir, resplandecer. Serei a sombra discreta e fugidia, a contrastar os esplendores que a esta hora de evocação vae acordar em vossa retentiva, — que esta hora de esperança infinita vae accender em vosso coração e em vosso espirito. Vereis, então, o prodigio. A' medida que o murmurio timido dê minha palavra fôr resuscitando os fastos do passado e, com elles, procurando desvendar, em visão prophetica, o futuro, — de vossas almas espontaneamente brotará, irreprimivel, a desprender-se em cachões imperiosos, como um clamor de fé e de gloria, como se bradasse do intimo do vosso proprio ser a voz da nossa raça, inundando a pujança da vossa mocidade, o cantico triumphal de vossa esperança nos destinos de nossa terra! E o merito que me arrogo é justamente o de minha fraqueza, que não desviará do seu devido caminho as vibrações dos vossos sentimentos; fluirão indomitos como uma verdadeira torrente, que, ambiciosa de espaço, se atirasse das grimpas asperas para a conquista da planicie bonançosa, onde sorri a graça perenne da verdura, a paz serena dos campos floridos, onde lourejam os fructos opimos, as promissoras messes.

Eis porque vim ao vosso appello, corra embora o meu credito os riscos que ordenastes, que com todos os que houver me aventure na esperança de corresponder ao vosso desejo. Ademais, terei a alegria de discretar mais uns instantes comvosco, no convivio cordial em que toda a minha vida se passa e, já agora, ha de findar.

EVOLUÇÃO DO ENSINO MEDICO BRASILEIRO

Muito se tem falado e escripto da nossa Faculdade. Mas, no analysar seus meritos e defeitos, bem raro se procurou entendê-dos e explica-los, considerando a sua conformidade com a evolução do ensino medico no paiz e com as condições peculiares ao meio em que ella nasceu e existe.

Não ha motivos para terrores, meus amigos. Não terei o mau gosto de me aproveitar da oportunidade para as miudezas de analyse tão util, mas tão fastidiosa, sobejando com desurbanidade a vossa caridosa paciencia. Quero sómente interessar-vos nella.

Ao intentardes estudar a evolução do ensino medico brasileiro, logo esbarrareis, perplexos e estonteados, com a mole esmagadora de leis, decretos, regulamentos, avisos, portarias, que lhe são pertinentes. — toda uma densa, exuberante, copiosissima literatura legislativa e burocratica.

Afastemos o periodo, que vae de 1808, época em que d. João VI, cedendo ao que lhe representou o marquês de Goyana, estabeleceu as duas rudimentares Escolas de Cirurgia da Bahia e do Rio, para provêr de cirurgiões formados a colonia, que delles carecia, — até 3 de Outubro de 1832, data que assignala, no Brasil independente, a primeira tentativa de valor para a organização do ensino medico. A condição dos tempos e a natureza das proprias instituições rachiticas, primitivas, favoreciam o pollular de medidas parciaes, isoladas, sem uniformidade de orientação, servindo, de vehiculo via de regra, a graças personalissimas de el-rei. E foi, em grande parte, tentando a boa vontade, nem sempre prompta, do monarcha e valendo-se habilmente de minimas oportunidades felizes, que dois brasileiros illustres, Corrêa Picanço e Alvares de Carvalho, puderam assentar os primeiros lineamentos do ensino medico brasileiro.

Quero, entretanto, referir-me apenas ao que, no particular, occorreu depois da Independencia. Pondo á margem um verdadeiro alluvião de reforminhas incluidas no bojo proditorio de avisos, decretos executivos, concessões e leis, catadupa de reformecas, acanhadas e, não raro, provindas do favoritismo, da teimosia ou da ignorancia, depara-se-nos, de 1832 e 1915, nada menos de sete reformas radicaes no ensino medico: a de 3 de Outubro de 1832, — a de 24 de Abril de 1854, — a de 19 de Abril de 1879, somente effectiva em 30 de Outubro de 1882, com o seu regulamento reformado em 5 de Outubro de 1884, — a de 10 de Janeiro de 1891, modificada em 24 de Junho de 1893, — a de 1.º de Janeiro de 1910, — a de 5 de Abril de 1911, e a actual de 18 de Março de 1915!

Na Republica, como vedes, aggravou-se a intemperança refor-

meira, conscios os nossos estadistas de melhor estirpe, talvez, de que “ao ter inicio um plano de ensino, já precisa de ser reformado” Impaciencias de progredir a todo o panno!

No que concerne a reformas, meus amigos, do ensino medico se dirá com justeza o que de seu amo, o civilizado Jacintho, o heroe desse admiravel — “A cidade e as serras” —, informava o fiel Grillo, o venerando negro, com certeza immensa, que sempre soffreu de fartura.

Não eram, via de regra, modificações parciaes, condicionadas por progresso natural e desejavel, forçadas por justa evolução. Eram, geralmente, remodelações verdadeiras.

Tão frequente reformar denuncia extremos no carinho, esmero no cuidado, demasias no affecto, — que sei eu? — tudo o que nos super-homens da politica nacional têm sempre as coisas do ensino o condão de despertar. Não faço duvida. Mas, por malicia minha talvez; não me sáe da mente, que decerto desarrazoa, a confissão que Molière poz nos labios astutos de Tartufo:

“..... Il est une science
Et de rectifier le mal de l'action
Avec la pureté de notre intention

E, porque um absurdo a outro invoca, recordo-me da deliciosa fabula do “Urso e do amator de jardins”, em que a alimária, por excesso na affeição, esmagou a cabeça do amigo, para livra-lo da importunação da mosca recalcitrante, e a que Lafontaine deu este remate lapidar:

“Rien n'est si dangereux qu'un ignorant ami;
Mieux vaudrait un sage ennemi”

Embora vizassem aperfeiçoar, o facto incontestavel é que tantas reformas successivas communicaram á marcha do ensino velocidade irregular, cheia de recuos e vacillações, sobresalteada intermitentemente de impulsos deseguaes e desproporcionaes ás vezes ao tempo e ao meio.

Cada lei nova, commumente, trazia a intenção de arrazar a precedente, considerada como causadora unica de todos os males, para salvar o ensino com systema diverso, aliás servilmente copiado de modelos alheios julgados mais dignos de imitação.

Sómente na letra das leis se via a causa dos males, embora as instituições que ellas preconizassem apenas existissem no papel, ainda de todo inexecutadas. Nunca se enxergou por trás das leis que falhavam a culpa de quem as não executava ou sophismava; nem houve vagas para verificar se existia abastança ou carencia dos meios ma-

teriaes necessarios á sua execução. Exemplifico. A lei de 1832, um primor de saber e previdencia, toda ella, já naquella época, era o preconicio do ensino pratico, o prometter a abundancia de meios para desenvolvê-lo. A reforma de 1854, se não excedeu no prometter, sobrepuzou-a no exigir tal feição no ensino. Mas laboratorios não havia, ou eram rudimentares. Pois, o executivo, na altivez de sua indifferença, desprezou o dever de tornar applicavel a lei; não olhou para a necessidade. Quando, mais tarde, elle proprio teve de apurar as contas, definir responsabilidades, sabeis como sentenciou, sabeis quem, no seu julgado, devia pagar as culpas do atrazo? A lei e os professores: a lei que não fôra cumprida e os professores a quem se negaceara com pasmosa fertilidade de subterfugios, os meios de cumprir suas obrigações.

Imbuidos de que a golpe de decretos se transformam os povos, convencidos de que as instituições sociaes se fabricam, ou se destroem, ao bel prazer dos governantes pelo toque magico das leis, professando a doutrina de que estas são perfeitas quando se amparam nos sãos principios, embora inadaptaiveis ao meio, o vezo era considerar provada, sem maiores ceremonias, a imprestabilidade do systema existente e ensaiar outro, por vezes o antagonico, cortando, por ingenuidade bemaventurada, o nó gordio das difficuldades com a lamina certa e infallivel de um decreto salvador.

Houve uma época na geologia em que os sabios, a cuja frente se alteava a mentalidade extraordinaria de Cuvier, imaginaram, para explicar as transformações da historia da terra, que, de tempos a tempos, a serenidade da natureza era perturbada, sacudida nas convulsões de um cataclysmo, que arrazava quanto pertencia áquelle periodo para criar outro, inteiramente novo e differente. Dest'arte quebrava-se a sequencia entre as varias edades, num eterno trabalho de arrazar e construir. Chamou-se a essa hypothese, na garbulha de vocabulos technicos em que os scientists pavoneiam a sua ignorancia para embasbacar a alheia, a doutrina do cataclysmo ou do catastrophismo.

Ahi tendes um simile rigoroso para synthetizar as characteristics essenciaes da historia da legislação do ensino medico brasileiro: o regime do cataclysmo, puro catastrophismo em acção.

Lançavam-se os alicerces de um plano. Sentidas as inevitaveis resistencias (do misoneismo em grande parte) ao revés de convergir esforços na adaptação progressiva, no corrigir os defeitos que a experiencia do proprio magisterio fosse indicando, no mandar excessos e asperezas, em summa no pertinaz labor util, mas de pouco luzimento, de feiçoar a organização ao meio, sem lhe dismantelar o travejamento fundamental da estrutura, tudo era anseiar por formulas novas, clamar pelo exterminio do systema mal ensaiado e in-

nocente e pela sua immediata substituição. E vinha, então, o cataclysmo!

Nunca se apurou conscienciosamente, pode-se dizer, o verdadeiro valor pratico de qualquer dos planos propostos: nenhum teve a ventura de ser inteiramente applicado, nem logrou tempo para germinar, nem adqueriu meio para prosperar, quanto mais idade para produzir.

Sob esse regimen de mutações frequentes, rapidas e inesperadas, concedendo hoje para negar amanha, ampliando agora para restringir logo depois, construindo só pelo antegoso da volupia morbida de demolir, evolueu o ensino medico. Felizmente, apesar de tudo, evolueu para o bem, graças á dedicação, ao altruismo, ao valor dos mestres que nas duas velhas Faculdades brasileiras vêm, ha mais de um seculo, enchendo de gloria e lustre o magisterio superior.

Mas como evolueu, meus amigos? Trateado nas torturas de uma instabilidade, de uma insegurança, de uma incerteza, que não raro se tornam em pavor e descrença.

Eu de mim sempre concentrei a vehemencia do meu mais forte desejo em prol da longa duração da ultima lei, da então vigente, movido dos mesmos motivos por que a velha de Syracuse pedia aos deuses a prolongação, senão a eternidade da vida do tyranno.

Não é conservantismo. Não desamo o progresso. Mas, sei que as innovações só vingam quando baseadas na realidade dos factos sociaes e não em meras criações theoreticas. E teem principalmente de obedecer á acção poderosa das tradições.

Um certo amor ás tradições, ponderado e tolerante, é indispensavel aos povos, como o nosso, sob a constante ameaça de absorpção estrangeira.

Como justificar, pois, o habito de copiar, na integra, instituições peregrinas?

Os povos, como os individuos, se não querem desaparecer na subservencia, devem ser ciosos de sua personalidade. Apercebendo-se das vantagens que a civilização contemporanea lhes offerece, acceitando qualquer collaboração pela sua cultura e pelo seu desenvolvimento, devem preservar as características essenciaes de sua personalidade, devem conservar intangivel a sua alma collectiva, a menos que não aspirem o ineffavel regalo de retornarem ao regimen colonial.

Para colher a lição dos bons exemplos não é preciso copiar; basta adaptár e ainda assim com parcimonia, attenção e opportunismo.

Ademais, o que se copia é, na verdade, o espectro do instituto alheio, uma formula vasia, a instituição morta, porque com ella não vêm o espirito do povo que a formou e lhe deu vitalidade, as

condições mesologicas de que proveiu e que a nutriam de seiva fecunda.

Todo o mundo sabe que as boas leis surgem dos conselhos da experiencia bem encaminhada, mas as reformas do ensino medico quasi sempre rebentaram, armadas em guerra, da vontade toda-poderosa de ministros, sem a sufficiente pratica de magisterio, quando muito orientados por insinuações amigas de alguns competentes. A audiencia das congregações foi, na quasi totalidade dos casos, uma burla; ouviam-nas, é certo, mas não as escutavam, nem levavam em conta as suas reclamações e os seus conselhos.

A extensão territorial do paiz obrigava a firmar, de facto, certos principios geraes indispensaveis á unidade nacional; ella mesma impunha, porem, o dever de consentir, quanto possivel, no completo aproveitamento das diversas possibilidades regionaes, deixando evolver autonomo cada nucleo, consoante as solicitações e os estímulos do meio. Mas as reformas, numa obsessão doentia de uniformidade absoluta, forjadas no Rio e para o Rio, sómente ás suas condições locaes consultam, só as suas falhas e aspirações attendem e provêem. Remanescem, destarte, na federação republicana, possantes, os habitos centralizadores da monarchia decahida.

Temos, meus amigos, acendrado culto pelas formulas novas, mas, no intimo, somos realmente o mais conservador dos povos.

A relativa autonomia docente concedida ás congregações em 1911 apenas mitigou o vicio, que talvez a formação universitaria, em moldes liberaes, consiga suprimir.

O facto é que as Faculdades existentes nos Estados terão de viver numa subserviencia intellectual, humilhante e esterilizadora, á gloriosa Faculdade da velha Côrte.

A FACULDADE DE MEDICINA DE S. PAULO.

Agora, dizei-me, em san consciencia, se a nossa Faculdade, mercê da sua independencia relativa liberta de todos esses males, não está em situação excepcional para progredir podendo tornar-se, em breve, um estabelecimento modelar de ensino medico no nosso continente?

As leis de sua organização, feitas em S. Paulo e para S. Paulo, têm de fatalmente consultar ás necessidades e ás aspirações do meio.

Ponderae, alem disso, meus amigos, em que os administradores paulistas sempre souberam distinguir, acima da grita e das lamurias da politicalha famelica, os interesses da communhão e em que se tornou praxe sempre obedecida a de auscultar a opinião dos competentes, antes de decisão definitiva sobre os mais serios passos da administração publica. Em S. Paulo não se acclimou, nem se acclimará, a

superstição perigosa e ridicula de que, com a investidura numa função publica qualquer, recebe o escolhido a virtude da omniscencia e o signo da infallibilidade. Não é, pois, preciso descortino excepcional para assegurar que as reformas do ensino medico paulista advirão sempre da experiencia abalisada do corpo docente desta Faculdade, amadurecidas pelo estudo detido, bem orientado e competente. Nunca, como alhures, virão de instigações de grupelhos inquietos, avidos de occasião azada para que prevaleça um mesquinho interesse pessoal ou para que se venham a saciar vinganczinhas vis. Nem se reformará jamais o ensino, podeis affirmal-o com orgulho, para contentar ambições domesticas, ou planozinhos de sabidorios mandões de regia parentela, ou exigencias irreductiveis de filhotismo astuto, ou desejos insaciaveis de nepotismo sugador.

Podemos, pois, ter a confortadora certeza de que esta Faculdade nunca terá, em seu passivo, leis intempestivas, nem inuteis, nem theoreticas, nem pessoaes.

E meridianamente resahe a conclusão de que ella tem a seu favor possibilidades de tal jaez, que se não encontram melhores nas existentes nas outras parcellas da federação brasileira. Seu caminho é facil, seguro, desempeçado dos multiplos estorvos por que têm amiude as outras de romper para a victoria definitiva. E os poucos annos de sua existencia o demonstraram brilhantemente.

O ENSINO TECHNICO.

As Faculdades de Medicina hão de ser, antes de tudo, escolas profissionaes, vizando preparar bons technicos, forrados, é claro, de uma solida e vasta cultura scientifica, que lhes alargue o horizonte intellectual. Sem tal cultura não teremos medicos; mas, quando muito, habeis enfermeiros.

Neste ponto singular ventura presidiu o nascimento da nossa Faculdade. Fundada por um clinico, eminente entre os maiores, seus professores ascenderam ao magisterio, vindos directamente da actividade clinica intensa, onde os foi surprehender a escolha do fundador desta Casa. Trouxeram-lhe, portanto, a par do conhecimento profundo de todas as difficuldades da vida profissional, capacidade para lhe dar, sob este ponto de vista, a orientação mais feliz.

A preocupação do ensino pratico foi a dominante, desde os primeiros dias de sua existencia.

Madrugou-lhe esse cuidado absorvente no tecer-se a propria trama de sua formação, tão forte, por vezes tão exclusivo, que já houve quem pretendesse vêr, no seu exaggero, antes defeito do que merito.

E' caracteristico nesta Faculdade o afan com que todos, sem distincção, numa unanimidade impressionante se empenham para dar a maxima amplitude ao ensino pratico, tanto nas cadeiras de laboratorio, como nas clinicas, e se esforçam por inculcar no espirito do alumno a sadia curiosidade scientifica o desejo e o prazer da pesquisa original, do trabalho proprio.

Sem vislumbre de lisonja: estou convencido de que, deste ponto de vista, a Faculdade de S. Paulo leva já hoje algumas vantagens ás congeneres do paiz. Já o proclamei na minha velha e carissima Faculdade da Bahia, guarda gloriosa das mais gloriosas tradições da medicina brasileira, quando me recebiam, não ha muito, o carinho e a affecto do seu douto e illustre corpo docente.

O ensino clinico nesta Faculdade, dispondo de material abundantissimo e de professores tão competentes e affeitos aos segredos da boa pratica profissional, não podia deixar de ser efficiente. tendo, além disso, em conta as facilidades decorrentes da matricula restricta.

Nunca devemos esquecer que esta Faculdade provém directa, legitimamente, do pugillo de dedicados que, no Hospital Central da Santa Casa, vinham individualizando uma verdadeira escola medica paulista na perfeição dos methodos technicos, na selecção da doutrina scientifica, na dedicação ao trabalho e no zelo pela honra profissional

FOCO DE CULTURA

Com o ser uma boa escola profissional, uma Faculdade não é tudo que deve ser. Ha de estar entre seus fins o de constituir um robusto centro de cultura e de aperfeiçoamento scientifico.

Busquemos sequiosos, meus amigos, a cultura estrangeira como lastro e estimulo para fundar a nossa; jámais como factor de desnacionalização. Pensemos por nós, num patriotico exclusivismo. Trabalhemos, cada qual, como puder, na sua seára, com pertinacia, para essa magnifica obra de nossa definitiva emancipação intellectual. Então a terra immensa e linda, que nos coube, abrigará um povo capaz de consumir um dia o sonho do poeta, que é tambem o nosso, — de viver a hora sublime em que

...teus ardorosos filhos
Fortes pela razão encham todo o futuro
Com tamanho poder e com fulgor tamanho
Que a terra toda fique em altar erguida
Para incensar-te o vulto, oh! Patria estremecida!

A missão historica de S. Paulo, bem o sabeis, não está finda. Novas bandeiras hão de irradiar-se daqui, como outróra, devassando os sertões brasileiros e levando-lhes a saude e a instrucção; não mais.

impellidas pelas seducções da fortuna incerta, mas pelo ideal maravilhoso da criação de uma patria melhor e mais forte no trabalho e na honra de seus filhos.

S. Paulo, se o quizerdes sincera e firmemente, meus senhores, constituirá, dentro de poucos annos, um nucleo de elaboração scientifica de tanto vigor, que não receio prognosticar se tornará, sob varios aspectos, o fulcro da actividade medica do paiz.

Aquelle claro e formoso espirito que formou esta Faculdade; que ainda hoje, na calma das horas felizes, como na escandescencia das paixões desencadeadas, sentimos junto de nós, como um symbolo de concordia, nossa luz e nosso guia; aquelle, cuja existencia nesta casa se resume no moto que Ferreira esculpiu para El-Rei D. Diniz e que com inteira justiça já se applicou a outro brasileiro illustre, Alfredo Britto, que com elle tanto se parecia e que no merito o igualava:

"Regeu, edificou, lavrou, venceu";

aquelle, cujo nome não é mister que eu pronuncie, porque sinto que está nos vossos labios como na funda commoção que o evoca-lo produz em todos nós; o immortal fundador desta Faculdade teve sempre a illuminar-lhe os passos esse sonho de extraordinaria belleza. Para elle orientou o professorado, por elle amparou sem vacillar os que davam sincera e decididamente á sciencia os unicos bens que possuíam — a intelligencia, o trabalho, a fé, a vida inteira, — e nelles transfundiu animo e confiança.

O resultado ahi tendes. Quando mão experiente e imparcial gizar a historia da actividade scientifica de nossos dias, aquilatareis devidamente o muito que no particular já logrou fazer esta Faculdade, apezar da pobreza de sua provisoria installação e das contingencias do material muito precario; tudo porque nella predominaram duas qualidades eminentemente paulistas: o amor ao trabalho indefesso e a seriedade no encarar e cumprir deveres. E logo que os seus laboratorios possuirem recursos adequados o que não tardará muito, mais notavel ainda será a contribuição da Faculdade medica paulista para a sciencia brasileira.

Definidas, como são, as directrizes do seu futuro, bem vedes que a nossa Faculdade não é uma aventura. Nunca foi uma tentativa capaz de falhar. Velho compromisso da Republica nos seus primeiros dias, teve a felicidade de encontrar no governo Rodrigues Alves a administração capaz de cumpri-lo e em Arnaldo Vieira de Carvalho, não sómente um homem para tanto, mas "o homem" de que a obra ingente necessitava. Por si conquistou e mantem, com garbo e bizzarria, logar de relevo no ensino brasileiro e, em breves dias,

estou certo, se firmará, no conceito do paiz inteiro, como um astro de primeira grandeza no ensino medico nacional.

Ha oito annos, numa sala emprestada da Escola Polytechnica, aquelle mesmo, a quem hoje é dado presidir os seus destinos, saudava o seu nascimento, vaticinando que nella não se limitariam os seus operarios “a assimilar o que lhes vem do estrangeiro; os nossos laboratorios tambem produzirão trabalhos dignos de nota. E a Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo será qual outro pharol donde se irradiará o progresso deste Estado, levando bem longe o seu renome” Cumpriu-se o vaticinio.

S. Paulo póde orgulhar-se da sua Faculdade; ella já conquistou inelutavel direito de existencia.

UMA UNIVERSIDADE EM S. PAULO

Para consolidar o ensino superior paulista, que tanta opulencia de vida evidencia, para que não pereçam, nem se empanem, os fortes estimulos que o revigoram, está a impor-se agora a fundação de uma Universidade.

Seja a Universidade do sul do Brasil, localizada no Estado de S. Paulo. Este tem direitos incontestaveis para pleitear essa causa justissima perante o governo da União, que não fará nenhum favor, em attendê-lo.

Mas, se quizer dar-nos Universidade, dê-nos uma instituição de verdade, nos intuitos, como na entrosagem de sua organização, e não simplesmente uma Universidade de fachada, para assombro de estrangeiros e gaudio de nosso espectacular patriotismo externo; não Universidade de rotulos novos e pomposos, prestantes para ornamento de cartões de visita e illustração de placas e annuncios profissionais, nem Universidade só de titulos numerosos, burocracia cogumelar e papelorio abundantissimo; mas Universidade de verdade, — que faculte a sufficiente e imprescindivel autonomia ás congregações docentes na orientação do respectivo ensino. — que favoreça a interpenetração das sciencias professadas nos varios institutos, — que congrege e uniformize esforços esparsos e alargue horizontes intellectuaes por um ideal commum e um trabalhar synergico. — que, acima de tudo, possa formar um potente foco de educação moral, capaz de imprimir cunho proprio e nosso na alma de seus filhos.

NECESSIDADES DO ENSINO DA ETHICA MEDICA

Meus senhores:

De uma crítica nunca se eximiram as nossas faculdades medicas, como, aliás, em geral as estrangeiras. Cuidavam da educação e da

instrucção intellectual e technica dos futuros medicos, mas descuravam de sua instrucção moral, não os apaixonavam pelo estudo das questões concernentes á medicina profissional, á ethica e á jurisprudencia medica.

A falha dispensava o luxo de demonstrações: entrava pelos olhos. A parte reservada a semelhante ensino nos cursos de Medicina Legal era demasiado estreita para materia de tanta relevancia. De ha muito vinha pervicaz propaganda por que se instituisse um curso á parte, em que taes assumptos houvessem o preciso desenvolvimento, solução adoptada com exito feliz em meios outros, por identicos motivos. Tardava, porém, inquestionavelmente, a victoria do nobre empreendimento. Teve, então, a douta congregação da nossa Faculdade um gesto que bem claro patenteia os ideaes que a alentam: tomou, sob o prestigio de sua responsabilidade, a iniciativa de fundar o primeiro curso official e independente destinado no Brasil á Deontologia Medica e ás questões de Medicina Profissional. As directorias, quer a actual do sr. professor Edmundo Xavier, quer a de seu digno e esforçado antecessor, professor Ovidio Pires de Campos, cercaram a idéa de incondicional apoio. Com a sua realização, vós, meus jovens amigos do Centro Oswaldo Cruz, conseguistès ver satisfeita uma antiga aspiração vossa.

Em tudo, evidentemente, só existiu um mal, já agora sem remedio. Ironia do acaso, entregou obra de tanto vulto a hombros frageis, que nunca alcançarão ergue-la até onde deve ser: a circumstancia fortuita e lastimavel de não ter eu desoccupado em tempo opportuno a cadeira de Medicina Legal da Faculdade indicou-me para dirigir o curso novo, conferindo-me uma honra insigne, das maiores da minha carreira, timbrando ainda uma vez o destino dadivoso em me conceder muito mais do que a justiça mandava e a minha propria esperança requeria.

UMA CRISE

Não ha como encarecer que a criação do novo curso, sobre ser util, é opportuna.

A nossa profissão padece, nos centros mais adiantados do paiz, como algures, uma crise moral e material, que dia a dia mais clara se define e se accentua.

O phenomeno é universal e de ha muito assinalado em outros paizes. Depende naturalmente das condições intellectuaes, sociaes e moraes do mundo occidental neste momento historico.

A loucura collectiva, que durante quatro annos empolgou num delirio sanguinario os povos mais cultos do globo e, ainda mais, o cruel e desmesurado utilitarismo, que nos ultimos annos vem

avassalando os meios da mais elevada cultura, arrastaram espiritos do mais fino quilate a proclamarem a fallencia moral da humanidade.

Decerto não lhes assistirá razão inteira. E' incontestavel, entretanto, que um estado de sobresalto, de inquietação, de indecisão, de ansiedade, de duvida agita e perturba a nossa epoca. A confiança menos firme nas soluções que a moral religiosa offerencia aos problemas mais serios da vida humana, o progresso do espirito de critica, derribando velhos preconceitos sem lhes dar apropriado substitutivo e a complexidade crescente da vida moderna, desviando o eixo de muitos problemas moraes e impondo-os á analyse sob novos aspectos, não eram factores para atenuar, mas para agravar, esse tredo desassocego" Como ha seculos sob o céu glorioso da Hellade, o enigma da significação, da utilidade e da finalidade da vida abate na mesma duvida cruciante o homem, incapaz de resolve-lo"

Nenhuma profissão fugiu, nem podia fugir, á influencia deliquescente desta situação moral de nossos tempos.

Ao lado dessas causas, que desafiam argucias e altas meditações, a que me não atreveria, outras mais proximas, mais rasteiras, mais accessiveis existem.

PLETHORA MEDICA

A plethora de medicos nas grandes cidades modernas tem impressionado quantos estudam o estado actual da nossa profissão, obrigando-os a commentarios que já formam uma literatura regular.

No nosso paiz ella se prenuncia assustadora. Seis Faculdades em pleno e continuo funcionamento (e outras tantas em formação) diplomam annualmente dezenas de medicos, em numero sempre progressivo. A matricula, nas quatro Faculdades sujeitas ao governo federal, subiu de 1.697 em 1917 a 2.678 em 1919, mantendo-se em 2.307 em 1920!

Não andaria, pois, longe da verdade quem orçasse em trezentos o numero de medicos formados no Brasil em cada anno. Espalhados proporcionalmente pelo vasto territorio do paiz, não haveria talvez excesso. Mas na sua distribuição influe preponderantemente o conhecido phenomeno do urbanismo, a acção absorvente das grandes cidades tentaculares. Os medicos sahem das escolas cheios de ambições de conforto e difficilmente se sujeitam a embrenhar-se pelo interior do paiz, para vegetar, isolados do mundo, no marasmo senil das cidades mortas, na pasmaceira muçulmana de povoações sem futuro. Depois, no povoamento irregular do nosso sertão, é commum a existencia de pequenas agglomerações, insuladas e distantes, pauperrimas, vivendo vida miseravel, sem recursos para manter medico, embora de mo-

destia ridiculamente facil de satisfazer. Destarte, as levas annuaes de medicos damandam as cidades da costa, da linha mais ou menos civilizada do littoral, ou as mais florescentes do interior e, em especial, as capitaes dos Estados mais adiantados. O assombroso progresso de S. Paulo attráe cada dia, maior numero de medicos de todo o paiz, invasão que, depois da fallencia do “ouro negro” da Amazonia, é sempre mais vultosa.

MEDICOS ESTRANGEIROS

De outro lado as correntes de immigração estrangeira carregam tambem para aqui bom numero de profissionaes.

Não pretendo escurecer o valor da contribuição immigratoria na nossa prosperidade. Quando por mais não valesse, a competição do immigrante levanta, pelo exemplo de trabalho porfiado, de fortaleza de animo e de confiança nas proprias forças, o espirito combativo do natural, collocando-o na contingencia dura de lutar ou desaparecer, revive as suas qualidades masculas que a existencia desambiciosa e facil aniquila. Onde é maior o elemento estrangeiro, mais efficiente desperta o patriotismo e se acrisolam os uteis movimentos nacionalistas.

Nunca, porém, as vantagens da immigração poderiam explicar sequer a exaggerada liberalidade com que desequipamos o medico estrangeiro do nacional, dispensando-o das provas mais trabalhosas de capacidade profissional e moral, que a lei teve por melhores na habilitação dos que se destinam a exercer a medicina. Comprehen-sivel até certo ponto, quando apenas duas Faculdades Medicas brasileiras não podiam dar vasão ás necessidades do paiz extensissimo, hoje só seria toleravel se concedida aos filhos de nações que outorgassem aos nossos diplomas scientificos prerogativas identicas.

Todas essas facilidades, excessivas e injustificaveis, têm concorrido para augmentar sempre o numero de medicos estrangeiros, que vêm a S. Paulo exercer a profissão. ás vezes passageiramente, como “cometas” que luzem mais ou menos.

Sommae todas as parcellas, que vos tenho apontado, comparae o producto com o crescimento de nossas populações urbanas, embora nas zonas em que foi mais intenso, e dissei-me se exaggéro quando temo uma grave crise material por plethora medica, nas cidades mais adeantadas pelo menos?

O CURANDEIRISMO

Pois ainda não é tudo! E a concorrencia illicita? E a damninha arvore do curandeirismo, frondosa na area de seus dominios, pro-

funda na multiplicidade de suas raizes labyrinthicas, altiva na desfaçatez com que se ostenta, malefica na exuberancia do seu poder?

Dizem que pagamos peccados de uma herança. Foi um curandeiro, o barbeiro Antonio Roiz, juiz do officio dos phisicos em 1597 na nascente cidade de S. Paulo, o nosso decano, o primeiro que aqui exerceu a nossa profissão. Não nos devemos queixar dos collegas e descendentes desse antepassado nosso.

O curandeiro, typo obrigado nas cidades do paiz, era, dantes, simples, humilde e sincero. Com o progresso impou, criou philaucia, appareceu á luz do dia, fingindo convicções para engodar basbaques. O seu avoengo, o conhecido typo do curandeiro, africano ou caboclo, pelo menos tinha a attenuante da sinceridade; na sua arrevesada therapeutica de rezas e mezinhas, de orações e preceitos, havia um fundo religioso, primitivo mas sincero, facil de rastrear sob as formas de mimetismo e de mestiçagem psychologica sob que se mostrava. O actual é apenas um explorador, que cava despudoradamente no aureo filão que lhe deparam os resquicios de feiticismo que remanescem no substrato de todos os espiritos. E tem uma influencia perniciosa sobre a pratica de nossa profissão: absorve avultada clientela dos medicos, nutre-a de erros, enfermado-a de credices e abusões, desmoralizando-a em summa.

DIMINUIÇÃO DAS DOENÇAS

Ao tempo em que augmenta o numero de medicos, em que se multiplicam as traças e as manhas dos curandeiros, tende a diminuir a cifra global dos doentes. Por toda a parte é assim nos meios cultos e nós não teremos a infelicidade de constituir excepção singularissima. Fallecem-nos, é verdade, estatísticas para pôr a prova em numeros. Certo é, porém, que o coefficiente de mortalidade geral decresceu em S. Paulo de 28,09 em 1872 a 16,76 em 1918. Será semelhante redução em boa parte um merecido louvor á therapeutica dos nossos clinicos. Sobra, porém, alguma coisa que deve caber á hygiene. Pois haverá quem conteste o abaixamento da mortalidade das doenças epidemicas?

Escriptor malevolo qualificou de immoral a profissão medica porque vive do soffrimento alheio. Na censura transparece saude florecente: na hora da doença para todo o mundo o medico é um repositorio de admiraveis virtudes. Todavia esqueceu o critico saudavel que “representamos a unica profissão que pelo desinteresse, a si propria se destróe”. “Sempre fomos os principaes adversarios das doenças de que triumphamos: variola, typho, diphteria e tantas

outras. Uma só epidemia de variola em uma unica cidade enriqueceria mais um medico do que 25 annos de pratica clinica em um seculo em que se pratica a vaccinação”.

O AUGMENTO DO NUMERO DE MEDICOS

Diminuem os doentes, decresce o numero de clientes, desviados pelas benemeritas obras de assistencia e pelas mutualidades, ou roubados pelos meios illicitos do curandeirismo; mas augmentam os medicos!

Não deverá ser, então, facil ganhar a vida como medico! E porque sempre mais avultado é o numero dos que procuram a medicina?

Curioso livro de psychologia o que registasse os resultados de um inquerito sobre as razões da escolha de uma carreira!

Quando indago das que me moveram á profissão que abracei, responde-me do passado a imagem de um velhinho muito vosso conhecido. Estou a vê-lo. Cheio de bonhomia e tolerancia, confiante e alegre, de uma alegria placida, tranquillã, tão igual que a sua equanimidade se reflectia até na constancia do trajar: sobre a calva lustrosa, aureolada de uns lindos cabellos brancos, o infallivel chapéu alto, gêmeo daquella sobrecasaca larga e senhoril. Era o “medico da familia”, fiel companheiro das horas amargas do desalento. Em geral não conseguia ser notabilidade, nem aspirava á riqueza. Era um humilde, mas todo elle irradiava bondade e confiança. Percebo que constituia, em meu pensar, o symbolo da bondade e da medicina, que a minha ingenuidade pueril não comprehendia uma sem outra. Pieguices de outros seculos, meus amigos!

Na escolha da carreira hão de prevalecer motivos mais fortes e profundos, que a hereditariedade tantas vezes mascara no nosso inconsciente. E’ bem provavel que entre elles esteja o prestigio de que entre nós gosaram os titulos.

Nenhum principio mais contra a natureza do que o da igualdade; nem nas recompensas do ceu misericordioso ha igualdade, o que não quer dizer que não haverá justiça.

O titulo scientifico era, dantes, o meio mais accessivel para pertencer a um escol, para sahir da vulgaridade. Não houve pae que não sonhasse ter um doutor na prole.

Não reputo um grande mal o doutorismo. Ser doutor será, pelo menos, “um modo elegante de não ser analphabeto”

OS MEIOS DE SELECÇÃO

Não formarei com os que descobrem no encarecimento exaggerado do ensino superior meio de conseguir que a mocidade á gloria fa-

digosa das letras prefira a doce e calma vida dos campos. Selecção odiosa, iniqua e contraproducente. Não são sempre das classes abastadas os individuos de mais possante intelligencia.

Alisto-me, porém, entre os que se batem por mais forte selecção intellectual. E tambem moral. Porque não exigir, dos candidatos ao exercicio da medicina, prova de idoneidade moral como se exige de idoneidade intellectual e technica?

A selecção intellectual ha de começar pelo curso chamado secundario, feito com o methodo que só uma boa organização gymnasial faculta. Não nos esqueçamos de que a função do ensino basico, ou secundario, não é entupir intelligencias de factos, datas, leis, regras e palavras, nem suffocar sob a pressão de ideas alheias tendencias aproveitaveis de cada individuo, delindo a parte original da personalidade que vae alvorecendo. Mas é, principalmente, educar a intelligencia, seleccionar, reunir, desenvolver e aperfeiçoar tendencias, criar bons habitos mentaes. Não escondo minhas sympathias por uma solida cultura classica. Contrastear o valor de uma disciplina pelo numero de vezes que della nos aproveitamos no ramerrão profissional será orientação pratica, progresso. o que quizerem. Para mim é absurdo. E' desculpa de preguiçoso, que dormiu no tempo de arar o campo, folgou quando devia semear e que se morde de despeito, porque não pode colher os fructos sazoados. Não pretenderei que o curso se resuma nas chamadas bellas letras. Tenha a maior parte delle a aprendizagem das linguas vivas, indispensaveis á aquisição e á permuta, mas acima de todas a nossa que deve ser a mais viva nas preferencias do nosso coração, e, com ella, o estudo das sciencias do nosso tempo, mórmente das sciencias experimentaes.

Não quero que me suspeiteis de velho. Quanto mais de mim se achega blandiciosa a velhice impertinente, mais eu a detesto. O segredo da attracção que a vossa mocidade exerce sobre mim está em que a vosso lado sinto o milagre do rejuvenescimento. Demais a velhice só é bella quando não tem pessimismos, nem queixumes, quando conserva o enthusiasmo e a exuberancia do coração.

Falar do seu tempo é, porém, consolo de saudade, que a caridade humana manda tolerar. Permitti, pois, que eu vos recorde que já tivemos ensino de humanidades digno de encomios. Passou de moda. E, com a moda, arrefeceu o enthusiasmo, o ensino mingou e a bem pouco ficou reduzido. Confortavam-nos com a promessa de que ia substitui-lo vantajosamente o ensino pratico das sciencias experimentaes. Mas, como todas as promessas

Não se compadece a medicina com a posse somente de uma boa cultura literaria e scientifica; exige aptidões especiaes. Requer curiosidade scientifica, — faculdade de observação exacta, precisa, methodica, — memoria fiel e bem educada, — aptidão de critica segura e

constante, — larga dose de bom senso, — habito de experimentação, — e até agudeza de certos sentidos, que a pratica refina. E que meio mais conveniente para preparar os fundamentos da educação profissional do que o estagio de um anno preparatorio nos laboratorios e museus para o estudo completo da physica, da chimica e das sciencias naturaes? Seria o succedaneo do nosso exame vestibular, tão util aquelle, quanto este é ridiculo.

No curso medico cumprirá apurar mais decisivamente ainda a selecção.

E o meio? Difficultando os exames finaes — é o sentir mais espalhado.

Antes de mais, permitti que eu vos relembre que nem sempre exame final difficil é prova de ensino conveniente e apropriado.

Ha mais.

VALOR DOS EXAMES FINAES

Sr. director e meus collegas:

Nos dias de festa, ha sempre absolvição plena para os peccados veniaes dos membros da confraria. Fechae, pois, os ouvidos para que vos não horrorize a sincera confissão minha de que sou dos poucos brasileiros que não têm fanatismo, nem confiança, no poder seleccionador dos exames, taes como os temos entendido. Tenho a impressão de que foi um systema psychometrico, que a China nos herdou e que certo gosto pelos jogos de azar desenvolveu e radicou. Quasi vinte annos de magisterio não me convenceram do merito desse methodo fulminante de, em algumas horas de contacto, avaliar merecimentos, dosar capacidades, rotular, numerar, classificar intelligencias, todas tão diversas, mas todas bem arrumadinhas, no seu logar devido: grau 1, grau 2, grau 3, grau 1.000. Creio, porém, firmemente nos julgamentos que se formam aos poucos, na observação constante, praticada sem precipitações, feita sem as turbacões da emoção, sem os perigos do engano pela audacia ou pela modestia inhibidora, na intimidade dos laboratorios e das salas de clinica, no convivio das palestras cordiaes e respeitosas, no tirocinio, emfim, dos trabalhos e estudos escolares do anno lectivo. Nestes julgamentos, sim: nestes, creio eu. Desde que nos não é dado supprimir a velha formalidade do exame final de cada anno, substituindo-a pela simples promoção imposta pelas notas de curso do alumno, conservemos, e, se possivel, até augmentemos, o salutar fraccionamento do exame nas provas parciaes durante o anno. E demos peso, cada vez maior, ás notas de laboratorio e de trabalhos praticos.

Assim, apurando e depurando, seleccionando com justiça e seriedade, ao mesmo tempo attenuariamos a plethora professional amea-

çadora que nos espera e elevaremos ainda mais o nível intellectual e moral de nossa classe.

O PERIGO DO MERCANTILISMO

Gera a plethora concorrencia intensissima, luta desapiedada e sem mercê.

Logo ao iniciar os passos, ainda incertos, na vida profissional, aguarda ao novo medico grave perigo moral. Vae experimentar-lhe o animo traidora tentação. Nas grandes cidades os processos de facil aquisição de grandes haveres na industria e no commercio, os exemplos frequentes de enriquecimento quasi instantaneo, os prazeres e o conforto material, que o dinheiro prodigaliza, são, para muitos, incentivos capazes de dobrar o animo ao mal. Em semelhante conjuntura, na alma do medico, a menos que a sustentem um caracter de forte tempera e o calor de um nobre ideal, dominará um só desejo, concentrando-se toda a sua vida, sua força e sua coragem num pensamento unico: vencer! Mas vencer logo, vencer, seja como fôr, tendo como lemma—"veni", "vidi", "vinci". A sabedoria popular pintou a estrada do dever ingreme, aspera, difficil e, sobretudo, longa. A deshonestidade e o desescrupulo têm atalhos por toda a parte. O exemplo dos que triumpharam por estes, a revolta maldosa dos que falharam e o scepticismo dos que só conquistaram dignamente a felicidade entre fadigas desproporcionaes poderão instillar-lhe a peçonha de um utilitarismo materialão e grosseiro, que vota a existencia do homem á felicidade material e cuja moral se resume na maxima de que "são bons todos os caminhos que levam a Roma".

O annuncio será a primeira pedra de toque. Póde ser o primeiro deslize. Nelle ser sobrio é ser digno. Prometter o que se não póde dar, vender por ouro de lei imitação grosseira, affirmando o que não é, que será, senhores meus, senão o dolo de quem emprega meios de, illudindo a boa fé de outrem, se apropriar indevidamente do que lhe não pertence?

Receio mais, pela extensão dos seus maleficios, o medico charlatão do que o charlatão curandeiro.

Outro escolho temivel é a preferencia de uma especialidade. Emquanto na clinica medica, que obriga ás fadigas da pratica domiciliar, não corresponde a remuneração ao esforço, até pela impossibilidade de attender avultado numero de chamados diarios, mais do que a cirurgia geral as especialidades, compatíveis com a clinica exclusiva de consultorio, promettem longa e facil recompensa. Dahi o desejo predominante de rumar ás especialidades.

E' um curioso aspecto da crise que venho commentando.

Fugi, meus amigos, da leviandade de eleger uma especialidade

guiados pela ambição de lucros. O exercício de qualquer dellas exige virtuosidade, gosto, predilecção particular que se não forçam, nem se adquirem pelo só poderio da vontade.

O INDIVIDUALISMO PERNICIOSO

Sitiado por concorrência asphyxiante, immerso numa luta febril, nem sempre leal, pôde-se ir entranhando no espirito do medico um pernicioso individualismo. Se triumphou, porque attingiu á meta só-sinho, sem ajuda, despreza indifferente o confrade vencido. Se esperou triumphar e a sorte lhe foi madrasta, porque experimentou a immensa tristeza do desamparo, a amargura da existencia falhada, sem rumo, concentra os rancores de sua desdita no odio contra o forte que o esmagou. Em todas as profissões é assim, bem sei. A apparencia hypocrita de fraternidade e consideração é apenas a certeza de que a hora da vingança ha de chegar. Lá um dia o triumphador, no acceso de uma luta, ha de despenhar-se da altitude em que o collocou o proprio esforço. Imaginae que o vencedor, leal na lide, crescesse na victoria por poupar o vencido. Mas, ainda assim, este não terá guarida, nem descanso, nem amparo. Tudo será esquecido: seus meritos, seu valor em dithyrambos dantes proclamado, o bem que derramou, tudo o que fez. Os Panurgios da barca, transidos de pavor, escondem a coragem franzina nos porões escusos quando ruge a colera da tormenta; mas na bonança ahi estão a exhibi-la, areada e resplandescente, em desafios e injurias á fraqueza descoberta. E' o momento asado para chacina. Avançam em hostes serradas e densas. audazes e emprehendedores, na faina improba de ferir, de estraçoar, de espostejar, de esmigalhar, de exterminar, de pulverizar em summa, para que do ser, que tantas vezes endeusaram, não reste cinza, nem memoria.

Resquicios de influencia totemica deram por symbolo, aos fortes e leaes, o leão e a esses, a hyene e o chacal| Anossa fauna offerecelhes symbolo mais adequado na ave negra da podridão, de bico adunco, saltitante, de porte comico, mas pesada, grasnante sempre, sempre covarde pertinaz na malvadez por indole, — o triste urubu'!

São as consequencias do individualismo exaggerado.

Quereis ver a que excessos pode conduzir em moral a expansão absoluta das forças individuaes em detrimento da collectividade? Voltae os olhos para “a mais portentosa e ardente glorificação da vida em opposição á intelligencia, da força contra a bondade, a mais entusiasticas apotheose das qualidades mais crueis da varonilidade”, para a moral do super-homem no pragmatismo radical do Nietsche. A vontade de poder como unico movel das acções humanas é “apo-

logia allucinante da expansão do individuo, abrindo sem peias, nem tolerancia, o seu caminho na vida” para subjugar os semelhantes reduzidos a um rebanho de escravos; é a selecção humana accelerada pela guerra violenta e continua para suppressão rapida da “multidão dos desgraçados que a debilidade natural tornou improprios para a luta pela existencia”! Moral sem justiça, sem piedade, sem remorso, que o forte constroe para si com o só motivo de sua necessidade. “Fazei-vos duros, é a nova lei”, pregava Zarathustra. “Vivei sem peias, livremente” “Sêde arbitros do vosso proprio destino”!

Quando no espirito amaina a impressão formidavel da visão desmesuradamente grande do pensador genial e da seducção do estylo admiravel do poeta, não ha quem não estremeça de pavor e tristeza só com a idéa de que fosse possivel o advento pratico de tal systema.

NECESSIDADE DA ASSOCIAÇÃO

Salvo subvertendo as leis naturaes, em moral, como em politica, é insano pretender supprimir em absoluto os direitos individuaes como os collectivos. Mas a verdade é que o “homem moderno tende a ser cada vez mais um ente colectivo” De facto, a importancia que a collectividade vae assumindo em face do individuo é uma das principaes características do nosso tempo, disse Sighele.

Todos os esforços no nortear uma linha de conducta devem ser em pról da conciliação do maximo de liberdade individual com o maximo de solidariedade indispensavel á hygidez da vida collectiva. Esta solidariedade, condição da estabilidade social, ha de forçosamente se tornar mais necessaria para aquelles que têm interesses moraes e materiaes communs, mentalidade semelhante, feçoada pelo exercicio da mesma profissão. Ninguem se furta á acção do grupo social a que pertence. E’ baldado o sacrificio de isolar-nos, tão fundo se infiltram em nós as características da mentalidade professional.

O esforço individual, que é nada na existencia dos povos, só medrará na consonancia de esforços semelhantes e convergentes, formando irresistivel avalanche. Unidos na defesa de nossos direitos, dos nossos interesses materiaes e moraes, guiados por um ideal commum, poderemos pensar em ter uma eficiencia social decisiva para impor as obras de saneamento de que o nosso paiz precisa. O proprio instincto de conservação alimentará, com a defesa externa, a co-opeção interna no augmento do patrimonio cultural, na melhor policia dos costumes, na elevação dos ideaes, nas relações de confraternidade sempre mais estreitas. Essa solidariedade confraternal deve ser a mira de todos os nossos esforços. O medico, que de-

precia o confrade, esquece-se de que, por final, vae recahir sobre elle mesmo a desmoralização com que pretende ferir.

Sei que, como em todas as collectividades, nunca conseguiremos expungir de nosso meio os maldizentes e os maus. Ha homem-fermentos; levedam todos os meios em que se acham. Uns fermentam para o bem, para o progresso: é o utilizar de reservas uteis. Outros para mal; nestes a fermentação é putrida.

Se para a solidariedade nos não mover a razão, ha de mais tarde nos coagir a fatalidade.

Não vos pareça mal pensar na protecção de interesses, pois entre elles estão os ideaes da nossa profissão, a disciplina moral que ella exige.

Vivemos uma época em que as classes, desprotegidas ou não, se organizam e arregimentam para reivindicar ou defender os seus direitos. E como ficaremos nós entre ellas, senão opprimidos, senão despojados de nossas garantias, de nossos direitos, se não antepuzermos, á força que nos pretender esmagar, a pujança da energia collectiva?

Não ha fugir ao dilema: ou cuidamos seriamente dos interesses moraes e materiaes de nossa classe, para o que o “associacionismo” é o unico recurso; ou teremos de presenciar a sua desagregação e o seu desprestigio completo, vendo-a opprimida e desprezada.

Muito podereis fazer desde já em pról da boa causa, meus jovens amigos.

Inclua o Centro Academico Oswaldo Cruz, entre os seus fins o de ser uma escola de educação profissional, consoante a formula exacta de Legendre — probidade profissional e solidariedade confraternal. Se vos empenhardes nessa cruzada ha de vos amparar a nossa congregação, dando-vos prerogativas que fortaleçam a vossa bemfazeja actividade. Ireis, assim, de começo aprendendo e ensinando as vantagens da cooperação, de modo a aceita-la sem relutancia mais tarde.

UTILIDADE DO ENSINO DA DEONTOLOGIA

Não me embalam illusões sobre a efficacia do ensino doutrinario. Nunca logrará o raciocinio, limpido e perfeito que seja, vencer no cerebro do individuo a acção dos factores hereditarios e mesologicos que determinam a conducta.

A funcção deste curso é mais modesta; é despertar a vossa attenção para os problemas moraes, pondo em destaque seus termos precisos, analysando suas consequencias, proximas ou remotas; em resumo, collocar o estudante diante dos estorvos da vida profissional para que elle se habitue a considera-los com seriedade e se prepare para vence-los com dignidade.

Para o exito feliz de tal intento, terei de contar com a moralidade que a educação domestica e escolar incute, com a tendencia para o bem, com a repugnancia physiologica ao egoismo, com a natural inclinação da idade para a generosidade e para o altruismo.

Mostrando-vos as insidias e os perigos que vos aguardam, concorrerei por vos fortalecer no bom caminho.

Amiude diante de vós surgirão antagonicos, irreconciliaveis, collidentes, interesses do individuo e da collectividade. Para então agirdes honesta e seguramente, é mistér conhecerdes bem as causas da collição e suas consequencias, bem como as resultantes de vossos actos num ou noutro sentido. E tal estudo ha de ser feito sob os conselhos da pressa? Quando então ha de ser, senão no vosso curso? Um exemplo. O segredo medico, uma das bellezas moraes da nossa profissão, hoje moribundo, esphacelado pela covardia, tornou-se um pandemonio de opiniões disparatadas. Como vos orientardes nos casos frequentes em que o defrontareis, se não souberdes por meudo sua origem, seus fundamentos, o valor dos interesses que protege e os que pode prejudicar?

Quantas vezes a ignorancia da lei, que não dirime a responsabilidade, pode aconselhar praticas que o direito não sanciona como melhores?

E assim em tudo mais.

ELOGIO DA MODERAÇÃO

Se maior serviço vos não prestasse, o exame de todas essas questões teria o merito de vos edificar sobre a necessidade da moderação nos vossos actos e nos vossos sentimentos, prevenindo-vos contra as ciladas do exaggero.

E' a piedade o mais bello dos sentimentos. Mas em nome della já se defendeu o homicidio, sob pretexto de euthanasia.

Quem nunca ambicionou como um fim desejavel uma velhice austera, a reflectir uma fecunda maturidade e uma mocidade generosa, que se apaga suave, serenamente, sem receios, sem remorsos e, até, sem saudade; uma existencia que foi como um clarão, fulgiu, illuminou a terra, depois diminuiu sem envilecimento, bruxoleou apenas e apagou-se.

Comtudo a hora derradeira se nos afigura povoada de soffrimentos indiziveis: saudade do que se amou na terra, da felicidade que se teve, do bem que se perdeu, temor do desconhecido, horror instintivo pela desagregação, pelo anniquilamento.

Para suavisa-la, para envolve-la de paz e alegria a religião ensinou a recompensa no seio da bondade infinita. E a piedade do me-

dico, fertil no consolo, para alliviar, para amparar, para cercar de illusão aquellas horas tragicas, inventou o heroismo da mentira, promettendo o impossivel. Porque ahi mentir é virtude; é o enganar nobreza, e caridade o illudir. Não sei de vileza maior do que abandonar o medico o moribundo porque o não pode restituir á vida. O pretexto utilitarista de dever empregar seu prestimo no serviço de outras vidas uteis, logicamente levado ás suas ultimas consequencias, imporia o abandono dos incuraveis e, até, o seu assassinio, como o dos miseraveis, dos votados á desgraça, o infanticidio dos degenerados, a suppressão dos idiotas!

Quanta vez a medicina é só o conforto da bondade. E, com o ser isso só, é tudo, porque reparte uma parcella de felicidade no auge do soffrimento. “Não vos esqueçaes de que se a medicina não está toda na bondade, menos vale separada della”

Não obstante, ainda mais se pediu á medicina; que poupasse ao moribundo as torturas da agonia, ansia de asphyxia ou dor que dilacera, — que transformasse o momento da morte num calmo somno, a preceder, sem solução de continuidade, o derradeiro. E foi-se além. Pretendeu-se exigir della, como um dever de consciencia, o homicidio por piedade. O velho problema apaixonou muitas gerações de philosophos, moralistas, medicos, juristas e religiosos. Haveis de encontra-lo na vossa pratica em meio de afflições indescritiveis, proposto á vossa consciencia por entre lagrimas e supplicas, por entre angustias que muitas vezes explodirão frementes na maldição e no desatino. E como decidireis? Como? Se não forem de vosso conhecimento as consequencias moraes e sociaes de vossos actos, as justificativas que poderão defende-los, o modo por que o direito e a moral contemporanea os encaram? E quando tereis vagar para a meditação de caso de tanta gravidade, senão agora?

OS HOMENS PRATICOS

Haverá bem sei, quem despreze o cogitar de taes assumptos. Poemas, discursos, nonadas! São os homens praticos, que respeito humildemente; entes felizes que têm opinião segura, mathematica, inabalavel sobre todas as coisas; e que não vêem na medicina uma profissão, mas um mistér, não a estimam como arte, mas como fonte de renda. Perdoae-os, meus amigos, como eu os perdôo, com a mesma condescendencia piedosa com que a divina misericordia lhes prometteu em verdade que delles seria o reino dos ceus.

A melhor lição que a vida nos dá é a da tolerancia. E só é tolerante quem conhece bem a sua humildade, grande virtude nos homens de sciencia.

Ruy Barbosa é o genio cujo impeto e profundeza só se comparam ás grandes forças da natureza; é uma culminancia tal que se nos afigura a forma tangivel por que a gloria e a grandeza da patria se nos revelam. Pois quando lhe pediram a lição da sua vida extensa e luminosa, elle a resumiu num titulo que guardou para si, como uma condecoração: “mestre de humildade”! Sêde humildes, meus amigos!

A NECESSIDADE DE UM IDEAL

Prevejo a vossa desconfiança. Murmuraes decerto comvosco: “Prégastes o descontentamento. Entremostrastes tão feia a realidade que parece intentaes demolir o nosso estímulo”.

Como vos enganaes! A insubordinação da vida ao nosso desejo é o maior factor de nossa perfectibilidade. Os conformados não têm esperanças, nem agem. Do descontentamento nasce o ideal, a ansia de perfeição mais alta, a esperança que “feioa o futuro consoante a formula do nosso desejo” Quem não possui essa luz, esse deus interior não é digno da alegria de viver. Tenhamos a coragem de formar o nosso sonho mais puro, mais alto, mais bello, mas sobretudo a coragem de vive-lo, a energia para procurar transporta-lo á realidade. Sonhemos um futuro melhor, mas não nos quedemos em contempla-lo, porfiemos por antecipa-lo, fazendo do nosso sonho a realidade que se prolonga em um ascencional e infindo movimento de perfeição.

Quixotismo! — dirão os praticos. Deixae de lado esse rebanho lerdo dos Sanchos, para o qual o fim da existencia é a consummação da divisa de Pantagruel: “Tout pour là tripe!” Elle ha de vir após vossos passos, grunhindo, rosnando, resmoendo, reclamando, mas subjugado pelo poder soberano do ideal, que não comprehende, mas a cujo dominio não poderá fugir.

E que ideal melhor, mais nobre, mais digno, mais alto, mais util do que a defesa da nossa classe e seu aperfeiçoamento?

O VALOR DE UM EXEMPLO

Vieira duvidou até da efficacia da propria palavra divina, por que “as palavras entram pelos ouvidos e as obras pelos olhos e a nossa alma se rende mais pelos olhos do que pelos ouvidos”.

Como complemento do curso de deontologia medica, teria utilissima função o de “Historia da medicina”. Sobre ensinar-vos a humildade no considerar o valor das doutrinas da nossa época, serviria de edificar o vosso espirito pela persuasão dos grandes exemplos, com o rememorar a biographia dos grandes vultos da nossa arte.

Mas não precisaremos de recorrer ao estrangeiro, nem mesmo sahir da nossa Faculdade. Para tanto ella possui um extraordinario thesouro. Na cerimonia do grau, o paranymphe, Rubião Meira, evocando a varonil figura de Arnaldo Vieira de Carvalho, deu-lhe o titulo que melhor o define nesta casa: **Pae desta Faculdade**. Elle o foi no carinho com que a amou e protegeu, no bem que em todos espargiu, no exemplo de inexcedivel probidade que nos legou. Se eu precisar de um exemplo para vos edificar, bastará que, alterando, com verdade e com justiça, a velha formula da investidura na nossa profissão, vos diga, num conselho, que deveis guardar como a melhor lição que haveis de receber de mim: — “Attendei e meditae na vida e na obra do **Pae desta Faculdade**. Modele-se a vossa vida pela delle e os homens cobrirão de bençams o vosso nome”.

UM APPELLO

Meus caros amigos:

Ao me ouvirdes tão confiante e animado, indagareis certamente, com uma ponta de justificavel ironia, porque fio tanto desse ensino, que depende da minha fraqueza que se conhece.

Fio de mim, do meu ensino, porque confio em vós.

Anatole France poz no fecho de um dos seus livros, em que mais forte é o travo do desalento, com aquella graça, aquella simplicidade e aquella elegancia, que nos tornam amaveis até as verdades mais dolorosas, esse admiravel conceito: “As verdades que a intelligencia descobre permanecem estereis. Só o coração é capaz de fecundar seus sonhos. Sómente elle derrama vida em tudo o que ama”.

E vós, acima de tudo, sois o coração. divina mocidade!

Seja vosso guia o ideal de nosso aperfeiçoamento. E a vida conceder-vos-á a felicidade sem limites de realizardes, em sua plenitude, aquellas soberbas, justas e fortes palavras de Nietsche: — “Que o vosso amor pela vida seja o amor de vossa mais alta esperanza e que a vossa mais alta esperanza seja o mais alto pensamento da vida”
